

Contribuições de Reinhart Koselleck à investigação histórica

Reinhart Koselleck's Contributions to Historical Research

Jaciel Rossa Valente¹

KOSELLECK, Reinhart. *Uma latente filosofia do tempo*. Trad. Luiz Costa Lima. São Paulo: Ed. Unesp, 2021.

Reinhart Koselleck nasceu em 1923 e faleceu em 2006, deixando uma extensa obra. Historiador alemão renomado em vida publicou diversos ensaios e livros. Juntamente com Otto Brunner e Werner Conze, foi um dos teóricos fundadores da *begriffsgeschichte* (história dos conceitos).

A *begriffsgeschichte*, nas próprias palavras de Koselleck (1992, p. 135), busca “indicar a partir de quando um conceito se tornou fruto de uma teorização e quanto tempo levou para que isso acontecesse”, de modo que mescla a perspectiva diacrônica e sincrônica na análise de um determinado conceito. De acordo com Motzkin (2006, p. 77), a *begriffsgeschichte* parte do pressuposto de que a história é composta por rupturas e continuidades que se encontram na linguagem — em especial, nos conceitos. Destarte, os conceitos se constituem como *estratos de tempo* que agregam inovação e repetibilidade.

Seus livros começaram a serem traduzidos para o português em 1999 com sua tese de doutorado, *Crítica e crise* (1999)². Posteriormente, textos como *Futuro passado* (2006) e *Estratos do tempo* (2014) se fixaram na historiografia brasileira. Em 2021, via Editora Unesp, chegou às livrarias brasileiras a tradução de quatro ensaios de Koselleck, originalmente publicados individualmente. O trabalho foi realizado pelo historiador Dr. Luiz Costa Lima e conta com a apresentação da Dr. Thamara de Oliveira Rodrigues. De modo panorâmico e sintético, Rodrigues (2021, p. 45) afirma que os textos traduzidos podem ser vistos como “uma teoria sobre a temporalidade propriamente dita, uma reflexão sobre as estruturas formais do tempo e sua centralidade existencial”. Acrescentamos a essa indicação de Rodrigues, um segundo viés dos ensaios: a reflexão sobre o *fazer historiográfico*.

O primeiro ensaio, *Estruturas de repetição na linguagem e na história*, publicado no periódico *Saeculum*, em 2006, parte do pressuposto de que a natureza histórica do homem se estabelece entre a constante repetitividade e inovação (KOSELLECK, 2021, p. 58). Destarte, as histórias são fruto da tensão entre repetição e inovação.

¹ Mestrando no Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal do Paraná.

² A resenha de Marion Brepohl (2001) fornece uma percepção da recepção da comunidade historiográfica brasileira acerca da obra de Koselleck.

Com isso, Koselleck (2021, p. 58) estabelece como problemática “como *cabe analisar e representar em camadas* as relações em que os dois polos se misturam?” Assim, o historiador aborda as estruturas linguísticas presentes na linguagem para investigar a tensão entre os polos. O principal argumento é que cada acontecimento é único, pois está circunscrito a um determinado espaço-tempo. Contudo, a narrativa que captura o acontecimento está calcada em pequenas estruturas de repetições. A linguagem não funda o acontecimento, mas aparece como base de repetição/transmissão.

Desse modo, Koselleck (2021) argumenta que existem cinco estruturas de repetições fundamentais que podem ser imaginadas no formato de escalonamento (estratos). O primeiro estrato se refere às condições não humanas de nossas experiências, tais como o dia e a noite, as estações do ano, o cosmo, etc., as quais possibilitam e influenciam a vida. O segundo estrato, na mesma direção do primeiro, se refere aos pressupostos biológicos da vida que compartilhamos com os animais. Koselleck (2021, p. 63-64) destaca três determinações formais nesse estrato, sendo respectivamente: “superior-inferior, interno-externo, anterior-posterior que põem em movimento todas as histórias humanas e impulsionam a temporalidade dos acontecimentos”.

Quanto ao terceiro estrato, se refere às instituições criadas pelos próprios homens que exercem algum grau de repetição. Entram instituições como Estado e Igreja que, por meio de ritos, práticas de culto e comemorações, repetem e mantêm um determinado conhecimento. Quarto estrato, quase como uma contradição, se refere àquelas instâncias de repetição contidas nos acontecimentos que sucedem apenas uma vez. O acontecimento é irrepetível e singular, contudo, aparecem diacronicamente semelhanças e regularidades, indicando um caráter de repetitividade. Por fim, o quinto estrato se refere às “estruturas de repetição verbais, dentro das quais as referidas repetições ou instâncias de repetição foram geradas e reconhecidas e são ainda geradas e devem ser descobertas” (KOSELLECK, 2021, p. 61). Aqui os conceitos tomam ênfase como pontes de repetição, pois, por meio da pragmática, sintaxe e semântica, eles são reconhecidos por um determinado grupo, afirmando/repassando um determinado entendimento.

Com esse conjunto de estratos, Koselleck insiste na tese de que o historiador deve considerar no seu fazer não apenas a inovação, mas também a repetição. Os estratos de tempo expostos por Koselleck (2021, p. 78) no ensaio visam comprovar que “não pode haver inovação alguma, verbal ou material, por mais revolucionária que seja, que não permaneça ancorada em estruturas de repetição prévias”.

O segundo ensaio que compõe o livro, *intitulado Sobre o sentido e o não sentido da investigação história (Geschichte)*, foi publicado no periódico *Merku* em 1997. Koselleck divide o texto em três partes. Na primeira, o historiador aborda a questão temporal da investigação histórica. Para a historiografia contemporânea, o ponto de vista que varia de lugar/pessoa (podendo ser desdobrado em uma séria não determinada de variáveis, como classe, raça, gênero, etc.) é um truísmo, porém se mantém como

fundamental em todo início de pesquisa. Koselleck utiliza acontecimentos históricos para embasar sua análise do ponto de vista na pesquisa histórica. Dentre os exemplos citados, destacamos a batalha de Stalingrado. O historiador indica que a batalha de Stalingrado esteve inserida no momento da Segunda Guerra Mundial como mais uma batalha, vista como uma série de acontecimentos. Após, com o desenrolar da URSS, Stalingrado funcionou como farol para a luta pela produtividade e a vitória árdua, mas certa, do comunismo (KOSELLECK, 2021, p. 87). Com isso, Koselleck indica que a visão sobre um acontecimento não se restringe a um ponto de vista, mas também se refere ao quando se vê. Investigação histórica está calcada em uma ótica e em um determinado tempo.

Já a segunda parte do ensaio se dirige ao desenvolvimento da *Geschichte*. De modo sintético, Koselleck (2021, p. 89) afirma que “o que os diversos agentes têm como real em uma história, assim como ela se origina e se consoma *in actu*, constitui pluralisticamente a história (*Geschichte*) vindoura”. Koselleck (2021) sinaliza que a história real é o acontecimento que se consoma no agir, *in actu*. Já a visão *ex post facto* desse acontecimento, devido a percepção do historiador e a série diferente de pontos de vista dos agentes envolvidos, marca uma história pluralística. Dessa forma, a *Geschichte* constitui uma coletivo-singular, pois, mesmo sendo uma narrativa, engloba diferentes perspectivas direta ou indiretamente. Nesse momento, Koselleck (2021, p. 90-91) aconselha aos historiadores questionarem, a partir da visão da histórica como um coletivo singular, “quais realidades antes percebidas, que ajudaram a criar uma realidade posterior, passaram a ser recalçadas, esquecidas ou caladas?”.

A terceira parte do ensaio se desdobra dessa pergunta. Se devemos questionar o que está sendo calado na investigação histórica, então nossa narrativa historiográfica possui algum sentido. Koselleck discute o sentido ou não sentido da historiografia, chegando à consideração de que a história brande uma variedade de sentidos, de modo que não devemos submeter nossas análises a sentidos plenos e voltados para si mesmos (KOSELLECK, 2021, p. 104).

O terceiro ensaio, intitulado *Ficção e realidade histórica*, elaborado a partir de uma comunicação de Koselleck em 1976, debate ficção e historiografia. Koselleck (2021, p. 109) adverte que o debate remonta a dois conjuntos de reflexão advindas da tradição: a) uma antítese entre *res factae* e *res fictae* e; b) até que ponto os textos ficcionais são condicionados pela realidade histórica e quais suas influências nessa realidade.

O historiador alemão não procura fazer uma genealogia das discussões, e nem abordar pelo viés taxonômico de classificação de fonte. Procura refletir sobre ambos os conjuntos simultaneamente. Ele defende que a “*res factae* e *res fictae* são manifestas e diversamente entrelaçadas em vez de separadas, enquanto traços de atividades ou campos de objetos de dois grupos disciplinares distintos” (KOSELLECK, 2021, p. 115). Defende que o tema não deve ser observado pelas oposições, mas pelas confluências, pois todo texto ficcional, de modo excelente ou menos bom, é proveitoso como testemunho de uma realidade

histórica. Ao passo, toda *res factae* tem em seu cerne um pouco de *res fictae*, uma vez que as fontes não são a própria realidade. Destarte, a tese principal do ensaio é que “a realidade histórica nunca coincide com o que verbalmente se articula com ela e a respeito dela” (KOSELLECK, 2021, p. 120)

O último ensaio, intitulado *Para que ainda investigação histórica?*, foi publicado em 1971, no periódico *Historische Zeitschrift*. Koselleck parte da constatação de que a Ciência Histórica passou a ser questionada veemente após a Segunda Guerra Mundial. O principal fator das contestações é o processo rápido e crescente de desistoricização a que as ciências humanas e sociais foram submetidas (KOSELLECK, 2021, p. 132). Koselleck argumenta que o antigo *topos* da mudança perpétua caiu no século XIX, sendo substituído por princípios regulativos como o *devir*, o desenvolvimento e o progresso. Os objetos históricos, que outrora exerciam uma função formativa para a compreensão do mundo histórico, acabaram perdendo essa função para visões de mundo deterministas.

Após uma série de análises gerais, Koselleck desemboca em cinco posições a respeito da condução da investigação histórica. A primeira refere-se ao *detalhe concreto*, ou juízo histórico, no qual “nenhuma teoria da história deixa de reconhecer que os questionamentos sociais são um pressuposto inerente aos julgamentos históricos” (KOSELLECK, 2021, p. 144). Segundo, “só a pesquisa minuciosa retira os enunciados históricos da arbitrariedade, proporciona a prova de se eles podem ser generalizados ou não” (KOSELLECK, 2021, p. 144). Terceira, todo historiador deve procurar na profundidade temporal, posicionamentos estratificados que estão para além do próprio contexto de criação da fonte investigada (KOSELLECK, 2021, p. 145).

A quarta afirmação, alinhada à terceira, insiste que “nossa investigação consiste em, com a ajuda de textos, chegar a enunciados que ultrapassam os textos” (KOSELLECK, 2021, p. 146). Quinta, Koselleck (2021, p. 147) afirmou que “a investigação histórica mostra perspectivas, a rede de condições para ações possíveis; proporciona dados *que* extrapolam tendências e, nesse sentido, fazem parte de um prognóstico”. Evidenciamos que Koselleck não diz o que a investigação histórica pode ou não fazer; suas considerações se apresentam mais como conselhos que como normas. Ao passo, Koselleck indica o horizonte de expectativa da História como sendo capaz de prognóstico, na medida em que proporciona um arranjo de dados que ultrapassam as tendências momentâneas, pois geram, no leitor contemporâneo ou não, indagações que modificam a relação com o próprio acontecimento analisado.

Referências

BREPOHL, Marion. Resenha: Crítica e crise. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 21, n. 42, p. 517-524, 2001.

KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês*. Trad. Luciana Villas-Boas Castelo-Branco. Rio de Janeiro: Ed. EDUERJ. Ed. Contraponto, 1999.

_____. *Estratos do tempo: estudos sobre história*. Trad. Markus Hediger. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

_____. *Futuro passado: contribuições à semântica dos tempos históricos*. Trad. Wilma P. Maas, Carlos A. Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

_____. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 134-146, 1992.

MOTZKIN, Gabriel. A intuição de Koselleck acerca do tempo na história. Trad. Daniel Pereira. In: JASMIN, Marcelo Gantus; FERES JUNIOR, João. *História dos conceitos: debates e perspectivas*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2006, p. 77-82.

RODRIGUES, Thamara de Oliveira. Apresentação. In: KOSELLECK, Reinhart. *Uma latente filosofia do tempo*. Trad. Luiz C. Lima. São Paulo: Ed. Unesp, 2021, p. 7-52.

Recebido em 22/03/22 aceito para publicação em 30/01/23.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional.

Revista Vernáculo n.º 51 – primeiro semestre/2023

ISSN 2317-4021